

# 1. PRIMEIROS PASSOS

Não é fácil definir *educação cristã*. Em parte, porque não é fácil definir *educação*. Etimologicamente, ‘educação’ vem do latim *Educare*<sup>1</sup> e tem o sentido de *criar, alimentar, ter cuidado com, instruir*.<sup>2</sup>

Popularmente, o termo costuma ser utilizado em dois sentidos. O primeiro é o de **bons costumes**. Pessoas de fino trato nos relacionamentos são, comumente, denominadas *educadas*, o que revela que o termo *educação* costuma ser entendido em termos de sabedoria prática e procedimento pessoal. O segundo, tão comum quanto o primeiro, é o de **instrução**. Também costumam ser denominadas *educadas*, pessoas que receberam boa formação, demonstram habilidade reflexiva e se expressam com desenvoltura. Isso revela que o termo *educação* também costuma ser entendido como conhecimento intelectual. Nesse sentido, um sinônimo frequente de educação é *cultura*. O indivíduo educado frequentemente é chamado de culto.

Esses dois usos que fazemos do termo *educação* estão adequados à sua definição, como ficará mais claro ao final da primeira parte deste texto. Isso,

---

1 NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955, p. 166.

2 COSTA, H. M. P da. *Introdução à Educação Cristã*, Brasília: Monergismo, 2013, p. 29-30.

no entanto, já pode ser percebido na definição que assumimos, preliminarmente, como ponto de apoio para os nossos primeiros passos em direção a uma definição detalhada, segundo a qual, educação é:

(...) um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social.<sup>3</sup>

Essa definição geral de educação chama a nossa atenção para duas questões importantes. A primeira é a de que **educação tem a ver com o desenvolvimento do ser humano**. O que desejamos esclarecer com isso é que a educação é um movimento, um processo. Ela é o meio pelo qual o homem se torna o que ele ainda não é. É importante evidenciar que, ao contrário do que defende grande parte das perspectivas pedagógicas contemporâneas – principalmente as de matriz antropológica darwinista –, na perspectiva cristã, a educação não é responsável pela “humanização” do homem. Para a antropologia cristã, o que o homem se torna como produto da educação não é outra coisa completamente diferente daquilo que ele já é. A educação é o meio pelo qual dimensões estruturais da natureza humana são desenvolvidas e vêm a florescer.<sup>4</sup>

A segunda questão para a qual a definição geral que assumimos preliminarmente nos chama a atenção é a de que **a educação é dirigida ao ser humano de modo integral**. Se antes definimos educação como o processo pelo qual dimensões estruturais de nossa existência humana são desenvolvidas, agora devemos nos perguntar: que tipo de habilidades humanas são potencializadas por meio da educação? Estaremos corretos se respondermos

---

3 ARANHA, M. L. de A. (Org.). *Filosofia da educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1989, p. 49.

4 Para uma introdução à antropologia teológica reformada, cf. HOEKEMA, A. *Criados à imagem de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. Para uma introdução à antropologia filosófica reformada, cf. OUWENEEL, W. *Coração e alma: uma perspectiva cristã da psicologia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. Uma boa resenha desta última obra, elaborada pelo Pr. João Batista dos Santos Almeida, pode ser encontrada em: *Fides Reformata*, XIX, 2, p. 125-132, 2014. A versão eletrônica está disponível em: [http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/educacao\\_36/resenhas/162.pdf](http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/educacao_36/resenhas/162.pdf) (acesso em 30 de junho de 2017).

a essa pergunta incluindo os mais variados tipos: as habilidades físicas, emocionais, intelectuais, morais, espirituais, e tantas quantas ainda possam ser apontadas como constituintes de nossa humanidade. Não é por acaso que, frequentemente, encontramos o termo educação acompanhado de qualificativos, compondo expressões que se referem ao desenvolvimento de diferentes aspectos ou habilidades humanas em particular: educação física, educação emocional, educação moral, educação religiosa, dentre outras. Isso acontece por que, de fato, a educação é algo que se dirige ao ser humano de modo integral.

Para compreendermos melhor esse aspecto de abrangência da educação, precisamos estabelecer a primeira de uma série de distinções que compõem a parte inicial deste texto, com o objetivo de definir com maior clareza e detalhamento o seu objeto. Trata-se da distinção entre a **educação formal** e a **educação informal**.

### *EDUCAÇÃO FORMAL E EDUCAÇÃO INFORMAL*

Tendo em vista que a educação tem a ver com a nossa formação integral, é possível dizer que há um sentido no qual toda a nossa experiência da realidade é educativa. Afinal, desde que nascemos, estamos imersos em universos de aprendizagem, seja em nossa relação com o mundo natural, ou em nossa experiência sociocultural do mundo. Por meio do que experimentamos, vemos e ouvimos, e por meio dos relacionamentos aos quais estamos submetidos voluntária ou involuntariamente, nossas habilidades nas mais diferentes dimensões de nossa existência, estão sendo cotidianamente desenvolvidas.<sup>5</sup> Esse tipo de educação, que acontece inicialmente no ambiente familiar, mas se estende à nossa vida social como um todo, é o que denominamos **educação informal**.

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber.

---

<sup>5</sup> Cf. BERGER, P. LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Nesta obra Berger e Luckmann sustentam que a educação, entendida como resultado de nossas relações sociais, inicialmente no contexto familiar e posteriormente em outros grupos, é o meio pelo qual nos tornamos seres sociais. Esse processo é denominado socialização.

Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência.<sup>6</sup>

Provavelmente, durante os primórdios da história da humanidade, antes de possuímos uma organização social complexa como temos hoje, a educação informal era a única forma de educação. E, ainda hoje, grande parte da nossa educação acontece dessa forma, sobretudo em nossos primeiros anos de vida. É por meio da educação informal que uma criança aprende a andar, a falar, a trabalhar com as primeiras noções de lógica e matemática (mesmo sem rigorosa elaboração teórica) a reagir a situações confortáveis e desconfortáveis, a atribuir maior valor a determinados objetos e circunstâncias do que a outras, além de muitas outras coisas.

Com a maior complexidade de nossa vida social, outro tipo de educação passou a existir. É o que denominamos de **educação formal**, que pode ser definida como aquela que possui “reconhecimento oficial, é oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas”<sup>7</sup>. Esse tipo de educação é, certamente, posterior ao primeiro, pois exige um acervo estabelecido de conhecimentos, e uma estrutura institucional que possa validar a sua transmissão, elementos que pressupõem o nosso desenvolvimento histórico-cultural. Na civilização ocidental, nos últimos anos, a maior responsável pela educação formal tem sido a escola.

Embora a educação formal seja distinta da informal, ela jamais acontece à parte desta. Primeiramente, porque a nossa experiência em uma instituição de ensino não acontece fora de nossa experiência da realidade. Ao ingressarmos em uma escola, por exemplo, continuamos envolvidos na multiplicidade de relações com o mundo (meio ambiente, cultura, legislação) e com outras pessoas (professores, alunos, funcionários), que continuam educando-nos informalmente. É por isso que, frequentemente, quando refletimos sobre a nossa vida escolar (educação formal), lembramo-nos, com maior apreço, de lições que aprendemos com os nossos professores em circunstâncias do cotidiano do

---

<sup>6</sup> GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, L; MOREIRA, I. de C; BRITO, F. (orgs.). *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 173.

<sup>7</sup> GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. p. 171.

que do conteúdo das aulas ministradas por eles. Em segundo lugar, instituições de ensino têm como objetivo fornecer ao aluno determinados conhecimentos e habilidades que serão colocados em prática em sua experiência cotidiana. Por essa razão, um tema cada vez mais discutido entre os estudiosos contemporâneos da educação é o da *contextualização do ensino*<sup>8</sup>, que se refere exatamente à importância de que os professores aproximem o ensino formal do cotidiano do aluno, do ambiente onde acontece a educação informal.

Alguns estudiosos falam ainda em um terceiro tipo de educação: a educação não formal. Eles se utilizam desse termo para referir-se àquele tipo de educação que, embora resguarde elementos de educação formal, como espaço e tempo definidos, ou a relação professor-aluno, diferem dela por não ter graduação. É o caso do estudo de idiomas ou da formação livre em artes, por exemplo.<sup>9</sup>

Outras discussões sobre a relação entre esses dois tipos de educação poderiam ser levantadas, mas seriam específicas demais, e não interessariam diretamente aos propósitos introdutórios deste livro. O que nos importa saber ao final deste capítulo inicial é que a educação é o processo por meio do qual o homem tem desenvolvidas as habilidades, nas mais variadas dimensões de sua existência, o que acontece tanto em sua experiência cotidiana (educação informal) quanto em instituições regulares (educação formal).

---

8 González distingue três tipos de contextualização: a contextualização histórica, que consiste em situar as ideias em seu ambiente histórico de origem; a contextualização metodológica, que consiste em relacionar as ideias com outras que as originaram; e a contextualização socioambiental, definida em suas próprias palavras como “uma maneira de ver a utilidade da ciência em nosso ambiente e nosso modo de ver o mundo e interagir com ele, em contraste com uma visão racionalista e descontextualizada que concebe a ciência como algo puramente abstrato e sem relação com a realidade à sua volta” (GONZÁLEZ, C. V. *Reflexiones y Ejemplos de Situaciones Didáticas para una Adecuada Contextualización de los Contenidos Científicos en el Proceso de Enseñanza*. Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias.v.1, n. 3, 2004, p. 215 [minha tradução]).

9 Cf. GASPAR, A. *A educação formal e a educação informal em ciências*. p. 173